
O ERRO COMO QUESTÃO PARA A LINGÜÍSTICA*

CRISTÓVÃO GIOVANI BURGARELLI**

RESUMO

Como a Lingüística, por tradição, acostumou-se a partir de pressupostos como o da situação teórica ideal, da ficção de homogeneidade e do postulado teórico do isomorfismo, os equívocos têm sido considerados como um fora da língua, pois, conforme se tem entendido, representam o que não seria possível a um sistema formal certo, consistente e previsível. No entanto, o que buscamos discutir neste texto é a possibilidade de tratá-los como efeitos dos dois eixos de que fala Saussure: o da combinação e o da substituição, os quais possibilitam incessante e imprevisível produtividade.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure, erro, aquisição de escrita.

Que implicações, para uma abordagem sobre o *erro*, pode ter a síntese saussuriana do valor do signo lingüístico, e vice-versa? O que costumamos chamar de *erro* tem a haver com o fato de “os termos de uma família associativa não se apresentarem nem em número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, 1970, p. 146), ou com a “inteligência do discurso” (nota dos organizadores, na mesma página)? No processo de aquisição da escrita, que papel caberia ao *erro*? Ou antes disso: considerando que o discurso do aluno é constituído pelo *outro*, por que os equívocos? Por que a singularidade desses equívocos? Esse *outro* seria o alfabetizado (adulto), que já teria o saber e poderia ser interpretado pelo alfabetizando (criança), ou seria o próprio funcionamento lingüístico-discursivo, representado na sala de aula pelos textos que ali circulam?

Milner (1987, p. 38) diz que Saussure, porque coloca o *arbitrário* no coração da língua, “autoriza-se a construir uma teoria dos signos que

* Versão modificada do texto apresentado no V CBLA, no simpósio *Erro na aprendizagem de línguas*, realizado em Porto Alegre, de 31 de agosto a 4 de setembro de 1998.

** Professor da Faculdade de Educação/UFG e doutorando em Lingüística no IEL/Unicamp.

não engaja nada de uma teoria das coisas”, rompendo portanto, a partir daí, o elo que unia, desde os gregos, uma elaboração lingüística ao significado verdadeiro da coisa. A partir dessa afirmação sobre a arbitrariedade do signo, conclui-se que seu valor é negativo e diferencial, o que significa dizer que A não existe, a não ser numa relação de oposição a B. Portanto, ao contrário da posição clássica, que considera que a linguagem possui uma essência, como os outros objetos do mundo, e trata-a como uma coleção de singulares que podem sempre ser discerníveis e estratificados, Saussure não exclui o heterogêneo, ou seja, o que vem perturbar a inteligência dessa linguagem, tomada desde os gregos como um saber-juiz para os demais discursos. Para ele, em vez de essência, o que há na linguagem é diferença.

Tomando esse rumo, é correto afirmar que o conceito saussuriano de signo traz como característica marcante a não-transparência da linguagem, o que nos permite dizer que as relações desencadeadas na leitura e/ou escrita de um texto estão sempre ameaçadas pela imprevisibilidade. Desde então, os erros não podem mais ser considerados como furos num saber prévio, um fora desse saber, pois eles resultam do mesmo movimento desencadeador do certo, do verdadeiro.

Pretendemos considerar, portanto, para a discussão aqui presente, tanto o que se pode chamar de demanda de regularidade, que pretende apagar qualquer equívoco, quanto o próprio equívoco, que por sua vez não cessa de emergir como rasgo, ou seja, como força propulsora de criação. Embora haja a demanda de que a língua não seja equívoca, é possível, porque o equívoco nasce da conjunção “indevida” de vários extratos lingüísticos, que uma locução seja, ao mesmo tempo, ela mesma e uma outra, o que significa dizer que a língua não cessa de ser desestratificada (MILNER, 1987).

O fato de que a língua deve ser *uma* impõe-se por uma questão de princípio, que se reduz “à simples demanda de que um certo tipo de proposição universalizável possa ser proferido sobre toda língua” (MILNER, 1987, p.14), no entanto afirma também que a verdade se insinua quando o discurso emerge atropelado por outro discurso, atrapalhando, o tempo todo, a consagração do perfeito, que teria o seu caráter de rigorosamente formalizado. Isso seria puramente da ordem do repetível e nos impediria de falar de produtividade, de criação na linguagem, ou ainda de emergência de sujeito.

Na verdade, como a Linguística, por tradição, costumou partir de pressupostos como o da situação teórica ideal, da ficção de homogeneidade e do postulado teórico do isomorfismo, os equívocos têm sido considerados como um “fora da língua”, pois, conforme se tem entendido, representam o que não seria possível a um sistema formal certo, consistente e previsível. No entanto, o que buscamos discutir neste texto é a possibilidade de tratá-los como efeitos dos dois eixos de que fala Saussure: o da combinação e o da substituição, os quais possibilitam incessante e imprevisível produtividade (DE LEMOS, 1994).

Para essa discussão, retornaremos especificamente às páginas 145, 146 e 147 do *Curso de Linguística Geral*, em que juntamente com o texto de Saussure sobre as relações associativas, encontramos também uma nota de rodapé elaborada pelos organizadores do livro, Charles Bally e Albert Sechehaye. O que mais nos chamou a atenção nessas páginas foram as diferentes concepções: enquanto Saussure procura articular uma teoria da linguagem que se desvincula da metafísica, os organizadores se preocupam com a inteligência do discurso, ou seja, rejeitam o fato de que alguma associação possa desconfigurar o princípio da homogeneidade. Vejamos alguns trechos desses dois textos:

Saussure:

[...] uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira e de outra. [...] Os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. [...] Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem os outros termos coordenados cuja soma é indefinida... [segue-se uma figura em que partindo-se do termo central ensinamento chega-se ao termo *lento* – p. 146]

Nota dos organizadores:

Esse último caso é raro e pode passar por anormal, pois o espírito descarta naturalmente as associações capazes de perturbar a inteligência do discurso; sua existência, porém, é aprovada por uma categoria inferior de jogos de palavras que se funda em confusões absurdas que podem resultar do homônimo puro e simples, como quando se diz em francês: “Les musiciens produisent les sons et les grainitiers les vendent” [ou em

português: “os músicos produzem as notas e os perdulários as gastam”]. Cumpre distinguir este caso daquele em que uma associação, embora fortuita, se pode apoiar numa aproximação de idéias [...]. (p. 145-146)

Pode parecer estranho recorrer a Saussure para discutirmos erro e singularidade, pois o que temos visto quanto a ele, sobretudo pelos estudos que se propõem a estudar aquisição de linguagem, reduz-se a compreendê-lo como um formalista, como alguém que teria descartado a possibilidade de se incluir sujeito em sua formulação sobre o signo lingüístico. No entanto, apesar de não nos parecer sem risco o percurso a que se propõe o nosso trabalho, há duas questões básicas de que não poderemos escapar: 1^a) os estudos sobre aquisição da escrita podem abrir mão do conceito de “ordem própria da língua”, ou seja, deixar de reconhecer o trabalho de Saussure de fundação da Lingüística?; 2^a) abrindo mão desse conceito, não estaríamos operando numa perspectiva empirista, considerando a linguagem ou o signo como passíveis de objetivação?

Pensando procederem essas considerações e indagações iniciais, temos buscado em nossos trabalhos discutir a possibilidade de um conceito lingüístico de erro, ou seja, de teorizá-lo como ocorrência na língua. Temos procurado, a partir dessa possibilidade, traçar relações com o que se tem teorizado, nos estudos sobre aquisição de linguagem, sobre o *outro*, bem como sobre a afirmação de que o sujeito é constituído por linguagem.

Para explicarmos melhor o que propomos com essa discussão, com essa espécie de retorno ao estruturalismo lingüístico, tomemos o que escreve De Lemos (1992/1997, p. 155):

[...] foi a escola psicanalítica francesa que procedeu à revalorização da epistemologia e da teoria do estruturalismo lingüístico. Parte do “volta a Freud” de Lacan, com o fim de salvar a psicanálise de interpretações reducionistas, partiu das obras de Saussure e de Jakobson.

No entanto, De Lemos (1992/1997, p. 155) realça que essa revalorização consiste numa re-leitura, e não numa tentativa de complementaridade:

De fato, a interpretação por parte de Lacan dos conceitos lingüísticos equivale a uma reinterpretação radical dos mesmos, pois realça precisamente tudo aquilo que o campo da lingüística havia recusado. Essas reinterpretações mostram a possibilidade de considerar algumas das idéias de Saussure e de Jakobson como uma via de *distanciamento do empirismo no que se refere aos enfoques sócio-interacionistas da aquisição de linguagem*. [grifo nosso]

No quadro teórico-metodológico de nossas pesquisas,¹ estamos considerando a noção de língua na sua relação com o conceito de inconsciente, tal como elaborado por Freud e reinterpretado por Lacan. Diferenciamo-nos, portanto, dos pesquisadores que tomam por base o referencial da psicologia cognitiva. No nosso caso, trata-se de um deslocamento nas discussões sobre a relação sujeito–linguagem, pois consideramos que, a partir das “descobertas” de Freud e Saussure, a equivalência *eu=sujeito=consciência* encontra-se profundamente abalada, ou seja, a língua e o inconsciente indicam justamente o que escapa ao saber desse eu (LEITE, 1994).

Elegemos as noções de significante, metáfora e metonímia como produtivas para descrever o papel do *outro* na “aquisição” da linguagem pelo aluno, levando em consideração que isso implica sair da posição psicológico-representacionista e, portanto, entender que o conceito de representação precisa ser rediscutido. Conforme interpreta Mota (1995), não só as práticas de ensino, mas também as teorias que as inspiram – no caso específico da alfabetização –, costumam ser recorrentes, porque partem da “evidência fundante” segundo a qual a escrita é uma representação da linguagem oral ou dos significados previamente pensados e/ou veiculados nessa linguagem.

Segundo ela, tratar a aquisição da escrita a partir de um quadro teórico “para além da psicologia” significa a possibilidade de continuar indagando sobre os mistérios que muito ainda nos instigam nessa área. Em outras palavras: se o sujeito está na “origem” e tem o “controle” sobre as operações lingüísticas, se é possível haver “adequabilidade” entre a representação e a coisa representada, se os processos cognitivos têm uma existência prévia determinando as possíveis interferências que a linguagem possa ter na constituição desse sujeito, e se a linguagem oral e escrita são meramente veículos de representação podendo ser

objetivadas, não há mais o que pesquisar nesse terreno. Sujeito e escrita já estão aí pré-dados, bastando apenas uma circularidade e/ou redundância dessas evidências. Não temos o que perguntar, a não ser aquilo de que já sabemos a resposta.

Por outro lado, se se deslocam esses conceitos, também o conceito de *erro* precisa ser deslocado. Conforme Carvalho (1995), seria preciso entender que ele está no interior do próprio sistema constituindo matéria-prima para a produção do que convencionamos chamar de certo. Portanto, não o colocaríamos mais sobre o fundo de uma totalidade, e sim como constitutivo desta, ou seja, “o *um* não seria anterior à descontinuidade” (LACAN, 1979, p. 30). Enfim, estaríamos diante da falta, aquela mesma falta que nos permite dizer que língua e falante ideais não existem, senão como configurações imaginárias de *alíngua*² e de *falaser*.

Surgem-nos, portanto, várias questões, pois entender o *erro* por esse ângulo implica caminhar na contramão de um já-traçado pelo sujeito epistêmico e pelo entendimento da escrita como representação grafo-fônica; implica caminhar na direção do sujeito do inconsciente, cindido pelo movimento da língua (MANNINEN e FONSECA, 1998). O que é a língua, se a psicanálise existe? Por que existe *alíngua* em vez de nada? Essas indagações de Milner são importantíssimas neste nosso trabalho. O que seria, então, criação? Como ela coexistiria com uma ordem própria da língua? Como ficaria a questão da singularidade e/ou autoria? O que seria, então, correto, língua padrão? O que teria a haver entre erro e acerto, ou entre lógica e *nonsense*?

O que nos revela a formulação freudiana sobre o inconsciente, ou, dizendo de outra maneira, a formulação lacaniana de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, é o fato de que a língua está sempre sujeita ao equívoco, à distorção. Ou seja, a despeito de uma demanda de regularidade, que se propõe a “validar” apenas o não-equívoco (o re-produzido), o equívoco não cessa de emergir como força propulsora de criação, isto é, como possibilidade de produzir algo novo.

Diante dessas questões, já não nos parece óbvio o entendimento da afirmação de que *linguagem constitui sujeito*. Ao contrário, temos como certo o fato de que essa afirmação não se dá de maneira idêntica nos diversos referenciais que se propõem a estudar o processo de aquisição de linguagem oral e/ou escrita. A diferença básica consiste nisto: colocar em suspeição, ou não, a idéia de que a linguagem é objeto

a que se tem acesso via consciência. Ou ainda, nas palavras de Lacan ([1966] 1978, p. 225): considerar, ou não, que “a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada que nela faz cada sujeito”.

Nas diferentes pesquisas, sobretudo no momento da análise de dados, fica visível que há quem considera o sujeito na origem, elaborando o seu saber e o seu dizer, e quem o considera sendo falado pelo universo discursivo em que está imerso. Procuramos trabalhar, neste texto, com a hipótese de que essas duas visões diferentes apontam para o reconhecimento, ou não, do conceito, forjado por Saussure, de uma “ordem própria da língua”. Porque entendemos como primordial em sua obra a desconstrução do ideal clássico de que a linguagem teria uma essência e corresponderia ao real das coisas, permitimo-nos a questionar/problematizar alguns dos rumos que a Lingüística tem tomado, sobretudo no que se refere à sua vinculação às teorias psicológicas para descrever/explicar dados de aquisição de linguagem, bem como práticas de ensino.

ABSTRACT

Since it is a tradition in Linguistics to follow tenents such as the ideal theoretical situation; the fictitious homogeneity; and the theoretical postulate of isomorfism; mistakes have constantly been considered as something out of the language. And as for how they have been understood they represent something that is not possible to be found in a correct, consistent and predictable formal system. Nevertheless, the discussion this text proposes is the possibility of treating these mistakes as the effects of the two axes mentioned by Saussure: the combination and the substitution, which can present endless and unpredictable productions.

KEY WORDS: Saussure, mistakes, writing acquisition.

NOTAS

1. *Projeto Escrita: ressignificando a produção de textos* (CNPq/Faculdade de Educação-UFG), coordenado pela Profa. Dra. Sonia Borges Vieira da Mota, e *Relação entre erro, criação e língua padrão* (Funape / Faculdade de Educação-UFG), coordenado por mim.

2. *A língua* é “uma língua entre outras, enquanto que, ao se colocar, ela impede por incomensurabilidade a construção de uma classe de línguas que a inclui; sua figuração mais direta é a língua materna, da qual basta um pouco de observação para admitir que em qualquer hipótese é preciso uma torção bem forte para alinhá-la no lote comum” (MILNER, 1987, p. 15).

REFERÊNCIAS

- BURGARELLI, C. G. *A relação entre erro, criação e língua padrão*. [Projeto de pesquisa aprovado e financiado pela Funape/UFG – maio de 1998 a novembro de 1999].
- CARVALHO, G. M. de. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. 1995. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos Lingüísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DE LEMOS, C. T. G. Língua e discurso na aquisição da linguagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, 3, 1994, *Anais...* Porto Alegre, 1994.
- _____. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. *Substratum/Artes Médicas*, v. 1, n. 3, 1992/1997.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Escritos [Écrits, 1966]*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LEITE, N. V. de A. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- MANNINEN, E. M. S.; FONSECA, G. C. *Plasmando a escrita: traçados, rasuras e encruzilhadas*. São Paulo: Departamento de Lingüística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998. Mimeografado.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MOTA, S. B. V. *O quebra-cabeças: a instância da letra na aquisição da escrita*. 1995. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MOTA S. B. V. et al. *Projeto escrita: ressignificando a produção de textos*. [Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq. – de março de 1997 até março de 1999].

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, [1916], 1973.